

Velhas plantas e novas modalidades no circuito enteógeno: um estudo sobre o uso contemporâneo de enteógenos¹

Luana Malheiro²

Resumo: As substâncias enteógenicas (ayahuasca, jurema, Isa, salvia divinorum, cannabis sativa) historicamente acompanharam as biografias de vida de uma infinidade de povos, cada comunidade significou o uso de enteógenos de acordo com o seu contexto sócio-cultural de uso, formando um fenômeno cultural que se transforma a cada novo significado atribuído por uma coletividade. Na atualidade há uma série de práticas que se formam a partir do uso de enteógenos, permitindo a formação de um campo de sociabilidades e da construção de um sistema de conhecimento etnobotânico que permite a construção de “agenciamentos”, ou controle sociais internos que regulam as modalidades de uso, promovendo assim um uso “controlado” da substância. Neste campo de sociabilidades observam-se padrões comportamentais para administrar o uso, são valores e regras sociais internalizados pelos usuários na experiência com a substância formando uma “subcultura do enteógeno”. Este artigo tem como objetivo central perceber a construção de um saber etnobotânico a partir do agenciamento da SPA nas trajetórias de vida analisadas, percebendo assim a formação de uma “cultura do enteógeno”.

INTRODUÇÃO – O caminho percorrido:

Este artigo é resultado de um trabalho realizado no âmbito do Coletivo Balance de Redução de Danos³ em uma de suas frentes de atuação, a

¹ Este artigo foi apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada na cidade de Porto Seguro, Bahia durante o Grupo de Trabalho intitulado Substâncias Psicoativas: Cultura e Política

² Pesquisadora associada ao Grupo Interdisciplinar de estudo sobre substâncias psicoativas (Giesp/UFBA), é sócia-fundadora do Coletivo Balance de Redução de Danos que recebe o apoio do Centro de Tratamento ao abuso de Drogas (CETAD/UFBA) e trabalha com redução de danos do projeto de extensão permanente da Faculdade de Medicina da Bahia, o Aliança de Redução de Danos Fátima Cavalcanti.

³ O Coletivo Balance é composto por uma equipe interdisciplinar de profissionais da área de saúde, Ciências Sociais, Psicologia e profissionais de áreas ainda não regulamentadas como Dj, produtores de festas, etc., mesclando assim saberes nativos com saberes científicos. O Coletivo atua em eventos de música eletrônica desenvolvendo ações e estratégias preventivas para o uso de drogas sintéticas (MDMA, Ecstasy, LSD-15 e afins) e álcool na perspectiva da redução de danos. O Coletivo possui uma série de frentes de atuação que para fins deste artigo não cabe

realização de workshops dialógicos. Estes workshops foram realizados durante dois festivais de música eletrônica que aconteceram na praia de Pratigi, no Estado da Bahia, o Festival de Arte e Cultura Eletrônica Universo Paralelo, nos anos de 2007 e 2008. O evento tem a duração de 7 dias, e a atuação do Coletivo Balance também, durante um dia eu estava encarregada de ministrar uma conversa sobre plantas de poder, neoxamanismos e experiências com o uso dessas plantas. O workshop foi realizado no modo “conversando sobre” a experiência com a substância psicoativa (no caso plantas enteógenas como ayahuasca, jurema, salvia divinorum) através de uma perspectiva metodológica deleuziana de “construir com” e não “para” os participantes. Deste modo pretendemos compartilhar informações de cuidados para o uso de certas substâncias de modo a oferecer um espaço que ajude participantes da festa a estruturar experiências “difíceis”, ou apenas experiências cotidianas com o uso das plantas. Busquei ter um papel mais discreto possível, deixando um campo aberto para que os participantes conduzissem o debate, expondo assim as suas questões. No final do workshop coletei os e-mails de todos os participantes, o que possibilitou estendermos a discussão para uma lista na internet e continuar conversando sobre plantas enteógenas.

Durante este tempo pude conhecer um pouco o universo simbólico desses indivíduos e a forma como compreendem a sua prática. Muitos dos conceitos usados neste artigo são conceitos nativos que muitas vezes possui uma correspondência com os conceitos antropológicos, já que a maioria dos meus interlocutores elabora um sistema de conhecimento com base em uma extensa bibliografia chamada de “literatura psiconauta”. Dentre esta literatura destacam-se autores da área da psicologia e antropologia, produzindo assim um discurso bem fundamentado para construir bases empíricas que justificam o uso dessas substâncias.

Metodologia e Interlocutores de pesquisa

Para fins do desenvolvimento dos objetivos propostos neste trabalho utilizei uma abordagem qualitativa e principalmente etnográfica dos contextos onde percebo a realização do ‘circuito enteógeno’, lugares e situações nos quais os agentes que compõem essa rede se encontram com o objetivo de trocar experiências sobre o uso de enteógenos e de construir um “conhecimento etnobotânico” sobre a mesma.

A fim de perceber os processos interpretativos através dos quais a realidade social é apreendida culturalmente pelos agentes de pesquisa me valho da observação participante, método proposto por Malinowski já no século XX e que envolve uma multiplicidade de técnicas que também ajudarão a compor o corpus desta pesquisa como o acompanhamento da vida cotidiana, entrevistas abertas, levantamento qualitativo, levantamento de categorias nativas e por fim o diário de campo, cada técnica será demonstrada a seguir.

O acompanhamento da vida cotidiana, técnica inerente à observação participante é uma peça importante da pesquisa, porém dentro da perspectiva malinowskiana requer um afastamento do da sua cultura de origem, o próprio Malinowski passou três períodos, num total de dois anos e oito meses de convívio com os nativos das Ilhas Tobriand. Como esta pesquisa se trata de uma etnografia urbana que apresenta limitações para o convívio cotidiano com cada agente de pesquisa no seu contexto de vida diário, este acompanhamento será feito através de entrevistas abertas/diálogos com os agentes de pesquisa, a fim de perceber nas narrativas, detalhes da cotidianidade dos sujeitos. É importante ressaltar que a minha principal estratégia etnográfica será as entrevistas abertas em formato de diálogo para assim promover uma aproximação do pesquisador com o agente pesquisado como condição do aprofundamento de uma relação intersubjetiva, essencial para o compartilhamento de experiências vividas com enteógenos. Foram usadas também as discussões em grupo através da formação de um grupo de discussão na internet, para assim perceber como os agentes descrevem as suas práticas diante do grupo. O meu papel se restringiu ao de facilitadora ou condutora de temas para que possam ser desenvolvidos pelos grupos. Este tipo de método é diferente do que os livros de metodologia costumam descrever como “discussão em grupo” predispondo uma discussão na presença de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, escolhi usar a estratégia da discussão em grupo através da internet primeiro porque percebo que os agentes ficam mais a vontade para descrever a sua vida e as suas práticas através deste meio de comunicação que exclui o contato presencial; as narrativas são elaboradas no ambiente de casa. Uso as técnicas da discussão em grupo e das entrevistas abertas como complementares por perceber que as narrativas que colho através das entrevistas abertas são mais espontâneas e me permitem perceber as reações inscritas nas expressões corporais de cada pergunta, como diz Bourdieu:

“a linearidade do discurso falado acarretam simplificações e repetições (favorecidas também pelo retorno as mesmas questões), as facilidades proporcionadas pela fala, que permite ir rapidamente de um ponto a outro, queimando as etapas de um raciocínio rigoroso deve marcar uma por uma, autorizam contrações, abreviações, aproximações, favoráveis à evocação de totalidades complexas que a escrita desdobra e desenvolve na interminável sucessão de parágrafos e capítulos.” (Bourdieu, 1990)

Para compor o itinerário do uso da substância na vida do agente, uso a metodologia da trajetória de vida, enfatizando interpretações que os agentes fazem de suas próprias experiências, ou como explicam determinados comportamentos como, por exemplo, o primeiro contato com a substância, a inserção da substância na vida cotidiana do sujeito procurando assim entender qual o sentido que estabelecem para o uso e como elaboram códigos e sanções sociais internas para lidar com a substância. Vale ressaltar que a metodologia da história de vida é diferente das trajetórias de vida, pois durante as narrativas da trajetória de vida o sujeito relata fatos marcantes de sua vida relacionados ao tema proposto pelo pesquisador, através da construção narrativa do trajeto da substância nas fases de vida do agente pesquisado.

O aparato das trajetórias de vida possibilita-nos descrever a “cultura da droga” que estes indivíduos constroem na sua prática partindo da formulação desenvolvida pelos pesquisadores Zinberg, Grund e Becker e sintetizado pelo pesquisador Edward MacRae da formação de uma “cultura da droga”, que seria uma serie de práticas que o individuo desenvolve para lidar com o

uso da droga no contexto das suas biografias de vida e no contexto social (sanções sociais, regras de uso, formas de comportamentos...).

A construção de workshops dialógicos com a participação dos interlocutores de pesquisa foi um instrumento interessante que me possibilitou ter o primeiro contato com os sujeitos pesquisados. De 40 pessoas que participaram no workshop nos anos de 2007 e 2008 selecionei 10 pessoas para desenvolver entrevistas em profundidade. O critério de escolha dessas pessoas foi serem usuários de plantas enteógenicas a pelo menos 5 anos, busquei também selecionar pessoas que procuram desenvolver um sistema de conhecimento etnobotânico a partir de leituras da literatura psiconáutica.

Os participantes da pesquisa têm em média de 23 a 38 anos, todos possuem nível médio e alguns possuem nível superior, correspondem a uma classe média alta e algumas pessoas abandonaram a faculdade para se dedicar a atividades que antes ocupavam um espaço lúdico na vida deles como artes circenses, Dj, produtor de festas e etc. Estas atividades são hoje fonte de renda de alguns e ajuda a compor o ethos dos agentes de pesquisa. A maioria das pessoas entrevistadas se auto declaram como formadores e participantes de uma “cultura psiconautica”⁴, lembrando que quando eles falam de “cultura” estão falando de um conceito antropológico, pois se referem a sistemas de crenças, estilos de vida e ações compartilhadas. A busca pela exploração de estados alterados de consciência através do manejo de substâncias enteógenicas se apresenta como uma forma se expansão das possibilidades do corpo para a construção de um auto-conhecimento:

*“Levantam-nos acima de nossos egos e removem
nossos limites emocionais para mostrar-nos um ponto
de vista diferente.
Ensinam sobre mundos mais elevados, e dão-nos uma
visão do eu de um ponto mais elevado.”*

(JB, interlocutor)

Breve mirada histórica

*“Há um único recanto do universo que podemos
ter certeza de melhorar: o nosso próprio eu.”
Huxley*

⁴ Psiconauta significa viajantes da psique. No renascimento psicodélico da década de 1980 uma influência de autores que vão inaugurar a vertente psiconáutica como Charles Baudelaire, Aldous Huxley, Albert Hoffman, Timothy Leary, Jonathan Ott e etc, tendo como a principal premissa a exploração de técnicas corporais para obtenção de estados alterados de consciência através do uso de substâncias psicoativas.

As plantas psicoativas têm sido usadas há cinquenta mil anos pela humanidade⁵ para uma infinidade de propósitos. Historicamente o seu uso tem sido associado a uma variedade de finalidades como: o reforço da identidade étnica, a promoção de um sentimento de coesão social e pertencimento a determinado grupo, as produções artísticas, o experiência egoica, a morte e renascimento simbólico do ego, a feitiçaria, ao cósmico, a ligação com os antepassados, o mito de origem de algumas comunidades, a metamorfose em animais a divinação, etc. Chamo-as de “plantas enteogênicas” por perceber ser esse o termo que melhor define essas substâncias, possuindo correspondência com o conceito nativo. Desta forma pretendo livrar-me a de algumas categorias estigmatizantes como “alucinógenos” (que faz menção a uma experiência irreal) ou “droga” termos estes que não são identificados na concepção nativa dos usuários dessas substâncias. Segundo o pesquisador Edward MacRae (1992. p.16) enteógeno deriva do grego *entheos* que significa “Deus dentro”; o termo proposto pelo pesquisador Ott (1993, PP.104-105) significa “o que leva o divino dentro de si” ou.

O uso das chamadas plantas de poder teve a sua representação em uma diversidade de culturas, o que despertou o olhar de estudiosos e principalmente antropólogos sobre o tema da alteração de consciência através do uso de plantas, desencadeando assim um denso processo de investigação etnobotânica que promove a re-significação de plantas através de processos de reordenamento simbólico da relação plantas e ser-humano. O uso de plantas foi identificado por inúmeros pesquisadores: Huxley, Escotado, Szasz, Wasson, Allegro, McKenna, Narby, Ott, Leary, entre outros (Carneiro, 2005), no último século e meio o estudo de plantas enteogênicas abrangiam tanto o uso sagrado como o uso contemporâneo, este envolto de uma noção de sagrado centrada no indivíduo e na busca do *self*.

Ainda não existem trabalhos contendo a classificação biográfica de usos de substâncias enteogênicas, porém citarei alguns trabalhos que buscaram estudar a diversidade de uso de plantas enteogênicas ao longo da história. É importante ressaltar que a antropologia apresenta um papel crucial no entendimento das modalidades de uso de plantas de poder, foram antropólogos os primeiros pesquisadores que dissertaram sobre uso de enteógeno em determinados contextos sociais.

Nos anos 30 evidenciam-se os escritos antropológicos de Alexander Rouhier e Wesron La Barre que escreveram sobre o cacto peyote e os escritos literários e valiosíssimos de Michaux, Sartre e Artaud que usaram a própria experiência da alteração da consciência de consciência através de plantas e substâncias psicoativas para a descrição narrativa do vivenciado. Nos anos 50 são marcados pelos escritos de Aldous Huxley, Gordon Wasson e Richard Evans-Schukes e em 1960 o psiquiatra e militante da prática da aplicação de substâncias psicoativas (SPAs) em psicoterapias Timothy Leary ajuda a aumentar os estudos na área. Em 1970-80 têm as análises de Alexander Shulgin e Jonathan Ott. Mais recentemente os antropólogos como Antonio Escotado e Edward MacRae descrevem criticamente a regulamentação do uso de plantas de poder.

Ao abordar o tema do uso de plantas enteogênicas, não podemos deixar de lado a grande quantidade de conhecimento que foi produzido a partir da literatura psiconautica. O uso de plantas alteradoras de consciência foi uma das fontes de estudo da mente humana, o que levou a criação da chamada “experiência psiconáutica” para fins de pesquisa da mente humana. A experiência psiconautica predispõe a busca pelo conhecimento direto a partir da vivência

⁵ (Escotado, 1990)

pessoal da experiência com substâncias alteradoras de consciência, de acordo com a tradução literal do termo, psiconauta significa “viajante da psique”. Durante a década de 60 a vertente psiconautica ganhou força com os estudos de pesquisadores renomados que usaram a técnica da alteração de consciência através do auto-uso e do uso receitado de plantas de poder, um desses pesquisadores foi do psicólogo de Harvard Timothy Leary e Richard Alpert, primeiros professores expulsos de Harvard em 1963. Na Argentina Alberto Fontana misturou experiência psiconautica com terapia psicanalítica e na Tcheco-Eslováquia o psiquiatra Stanislav Grof experimentava metodologia de análise semelhante. Observa-se então a ampla gama de referências bibliográficas sobre a experiência da busca de si no estímulo ao estado alterado de consciência através do uso de plantas enteogênicas, a maioria destas referências bibliográficas foram-me concedidas pelos interlocutores de pesquisa.

Muito lamentavelmente o proibicionismo e a guerra às drogas encabeçada pelo governo dos EEUU e com discursos da Igreja Católica e da Medicina (que através da psiquiatria patologizava comportamentos como o uso de substâncias psicoativas, cunhado categorias para descrever este habito como transtorno hététoxico, conhecido hoje em dia como toxiconomia) construíram uma “verdade científica”: o uso de substância alteradora de consciência deve ser perseguido e punido, já que devemos produzir corpos para uma nação em progresso, corpos dóceis e sóbrios, como diz o pesquisador Henrique Carneiro:

“A Igreja Católica proibiu os frutos das árvores do conhecimento, como o ópio, os cogumelos amanita ou a cannabis, herança combatida do paganismo euroasiático e, durante a colonização moderna, desencadeou uma campanha para extirpar as “idolatrias” indígenas, e particularmente as suas plantas sagradas. A América promoveu o mundo, entretanto, com algumas das mais fantásticas substâncias extraídas de plantas: a mescalina do cacto, a psilocibina do cogumelo, a harmalina do cipó, as triptaminas da leguminosa jurema, e o LSD análogo a trepadeira ipoméia.” (Carneiro, 1995)

Muitos destes estudos foram perseguidos e no século XXI presenciamos a retomada desta discussão, hoje em dia presenciamos um aumento de monografias, dissertações e teses que tomam como objeto de investigação científica o uso de plantas de poder em diferentes contextos.

Plantas Enteogênicas e o circuito de uso

Cogumelos (psilocibina), Jurema, Ayahuasca, Peiote, Iboga, formam um complexo de substâncias que são usadas no mundo todo para diferentes propósitos, formando assim uma complexa rede de comportamentos ainda estranhos ao olhar do senso comum. Historicamente alguns pesquisadores constataram o uso de algumas plantas em contextos específicos:

- a) Nos países africanos Camarões, Guiné Equatorial e Gabão, na religião do Bouiti, e entre curandeiros antigos no Congo constata-se o uso da planta Iboga⁶ para fins religiosos e curativos.
- b) Nos países andinos encontramos o uso da ayahuasca⁷ na tradição vegetalista assim como nas religiões ayahuasqueiras brasileiras – União do Vegetal, Santo Daime, Alto Santo e Barquinha – originadas na região do Acre e Rondônia.
- c) No Nordeste Brasileiro há os juremeiros - grupos que fazem utilização do arbusto *Mimosa Hostilis*, misturada com uma diversidade de substâncias que muitas vezes são guardadas em segredo, a exemplo do Catimbó de Recife. Este grupo pode ser considerado participante *dos rituais afro brasileiros*. (Mota, 2005)
- d) Em centros urbanos brasileiros e europeus os *neojuremeiros* apresentam uma distinção dos juremeiros por fazer uso de uma substância chamada *Perganum harmala*⁸. Uma grande vertente dessa linha que a pesquisadora Clarice Novais chama de europeia – urbana é a Fundação holandesa ‘Friends of Forest’, fundada em 1996 pela juremeira Yatra da Silveira em Amsterdam, na Holanda.
- e) Juremeiros indígenas brasileiros como os Kariri-Xacó que consideram que a planta é a divindade formadora da sua comunidade, situados em Alagoas.

No Brasil, atualmente, o uso dessas plantas enteógenas tem crescido significativamente, ultrapassando as fronteiras das religiões ayahuasqueiras ou comunidades indígenas brasileiras e africanas. Hoje nos grandes centros urbanos como São Paulo, foi constatado que o uso dessas substâncias atinge centros terapêuticos de classe média; a musicalidades experimentais e a grupos de teatros dionisiacos (Labate, 2004). No último levantamento que fiz em 2006/2007 sobre sites de compra e venda de enteógenos, observei um crescente aumento de sites nacionais e internacionais que veiculam informações sobre plantas enteógenas, sendo este um importante meio de obtenção da substância⁹. Tal dado é um indicio importante para percebermos que há um significativo *campo de circulação de enteógenos* um “circuito enteógeno” que não necessariamente se percebe em um espaço físico previamente delimitado como nas religiões ayahuasqueiras¹⁰, é um fenômeno itinerante que ocupa uma diversidade de espaços urbanos e o observamos na atualidade através da re-significação de antigos usos.

Observa-se então, a formação de um novo campo de uso de plantas de poder, um campo que representa um fenômeno cultural dependente de relações históricas e sociais nas quais ele se insere, uma cultura que se forma em um contexto contemporâneo. “Circuito” é uma categoria cunhada pelo pesquisador Guilherme Magnani¹¹ para designar “*um uso de espaço e de*

⁶ Raiz subterrânea que chega a atingir 1,50m de altura, pertence ao gênero *Tabernanthe*, composto por várias espécies, 650 destas já foram identificadas na África Central.

⁷ Bebida composta pelo cipó *Banisteriopsis caapi* e pela folha *Psychotria viridis*, também conhecida como daime, vegetal, yagé, caapi, entre outros nomes.

⁸ Também conhecida como Arruda de Síria

⁹ Em 2006 fiz um levantamento de 13 sites internacionais de venda/compra de enteógenos, no ano de 2007 este número foi para 25 incluindo agora sites nacionais e um grande site de compra e venda de produtos variados, de laptop à ayahuasca (Mercado Livre).

¹⁰ Na religião ayahuasqueira do Santo Daime por exemplo os encontros se realizam na “Igreja do Daime”, um espaço construído para a realização dos cultos.

¹¹ *Mystica Urbe*, um estudo antropológico sobre o circuito neo-esô na metrópole. Ed. Studio Nobel

equipamento urbanos, possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade”, faço uso da categoria neste trabalho por entender que o uso contemporâneo de enteógenos permite um campo de sociabilidades e de permuta de experiências vividas que, neste caso, se realiza em espaços e equipamentos circunscritos ao meio urbano, seja por meio da prática do uso da substâncias em festas de música eletrônica á casas de veraneio, bem como a troca de experiências por meio de sites de relacionamento como é o caso de algumas comunidades no site do ORKUT¹², e a lista de discussão que desenvolvida por mim para fins de pesquisa.

Neste campo de exercício de sociabilidades, o circuito procura desenvolver um ‘conhecimento orgânico’ como alguns informantes relatam, e eu chamo de *conhecimento etnobotânico* por buscar um sentido na relação com as plantas, seria um conjunto de saberes práticos que o individuo desenvolve na experiência com a substância, o que Zinberg chama de “controle social interno”, valores e padrões de comportamento que vão dizer onde e como o uso vai ocorrer. Estes valores e padrões ajudam a compor o que Howard Becker chama de “cultura da droga” fenômeno composto de uma diversidade de subculturas. Para fins do desenvolvimento desta pesquisa procuro observar o comportamento de um conjunto de agentes que fazem uso de enteógenos, buscando assim observar a formação de uma “subcultura do enteógeno”. Esta subcultura propõe um novo olhar sobre o corpo, sendo este um meio para a descoberta de si através da indução de estados alterados de consciências com a ingestão destas substâncias. O corpo como veiculo para transcendência.

Sendo possível a inicial e propositiva sugestão da influência histórica do uso de enteógenos, observo no renascimento psicodélico¹³ da década de 1980 uma influência de autores que vão inaugurar a vertente psiconáutica¹⁴ como Charles Baudelaire, Aldous Huxley, Albert Hoffman, Timothy Leary, Jonathan Ott e etc. Com a influência desses autores, que em seus textos mostram a importância da alteração de consciência para o conhecimento de si com plantas enteogênicas e com o LSD 25, observo a formação de um *campo psiconáutico* através dos quais os agentes procuram retomar experiências empreendidas pela vertente psiconáutica da década de 60 para o “*conhecimento e crescimento interior através das plantas de poder*” (N. interlocutor). É importante ressaltar que esses autores representantes da vertente psiconáutica, militavam na causa do uso de substâncias psicoativas para um possível “crescimento pessoal” e divulgavam suas idéias principalmente via internet, vídeos e textos, ensinando as pessoas a usarem as substâncias para um fim determinado. Os vídeos e textos datam basicamente da década de 60/70 e são ainda hoje um material muito referenciado pelos usuários de enteógenos com quem me comunico em Salvador. A tecnologia dos softwares de busca de vídeos na internet permitiu que os meus interlocutores tivessem acesso a esses vídeos, que hoje são referencia para a gestão de uma experiência psicodélica. Em um desses vídeos que pude assistir com eles, Timothy Leary, explicava os passos para uma experiência de “imersão no ego” através da ingestão de plantas enteogênicas, dentre as técnicas ensinada pelo psiconauta está presente técnicas de meditação oriental.

¹² Orkut é um site de relacionamento onde os indivíduos que participam têm a possibilidade de formar “comunidades” de acordo com sua área de interesse. Fiz um levantamento de 7 comunidade com o nome enteógenos, dentre as 7, apenas 3 me chamaram atenção pela quantidade de indivíduos agrupados na comunidades: Enteógenos (379 membros), Entheogens (2.313 membros) e Plantas Enteogênicas (1.147 membros).

¹³ Carneiro,2005. O autor fala em renascimento psicodélico para se referir a uma retomada os temas do psicodelismo da década de 60 como formas de alteração de consciência, xamanismo e a etnobotânica.

¹⁴ Psiconautas ou navegadores da psique é o termo que se refere aos cientistas que pesquisam sunstâncias psicoativas e para uma melhor apreensão dos efeitos da substância fazem uso da mesma.

Plantas enteógenas, Psiconautismo e Técnicas de Uso

Durante as entrevistas realizadas busquei nas falas dos meus interlocutores de pesquisa como eles descrevem o vivido, buscando a lógica das significações internas e procurando entender como o agente define a sua situação durante a prática de uso de substâncias enteógenas. Busquei estar atenta às categorias que os agentes usavam para significar uma determinada situação, ou conjunto de situações. Enfatizei as narrativas que procuravam situar no mundo da vida a experiência biográfica e qual é o seu estoque de conhecimento, ou seja, qual é a sua construção de experiência e situações vivenciadas, a partir do qual o interlocutor interpreta o seu mundo e representa a sua ação. Reconstituindo trajetórias de vida pude traçar o itinerário da substância no contexto biográfico de cada agente, o que me possibilitou entender de uma forma mais ampla como cada agente constrói a sua prática e elabora uma cultura de uso. Durante as narrativas pude perceber que a experiência física com o corpo é significada a partir de categorias sociais de entendimento que são partilhadas dentro desta subcultura do enteógeno, assim categorias como “sistema de conhecimento etnobotânico”, “práticas psiconauticas” e “técnicas de uso” ajudam a compor o universo semântico do circuito enteógeno.

Por sistema de conhecimento etnobotânico entende-se o conjunto de saber que os interlocutores constroem a partir da prática psiconautica, elaborando para isso técnicas de uso da substância, no sentido de promover um agenciamento do uso da substância. Este conhecimento tem um caráter de fato social total, como abordado por Marcel Mauss, é um conhecimento que busca explorar os aspectos totais da substância: a sua composição química (farmacologia), a interação da substância no corpo do indivíduo (psicofarmacologia), os usos históricos da substância em questão (genealogia das formas de uso) e os usos na atualidade. O grupo se propõe a estudar os efeitos da substância no seu organismo para desta forma pensar em técnicas de uso mais seguras e que proporcionem uma boa viagem (em linguagem nativa good trip).

A técnica de uso de plantas enteógenas exige então uma técnica corporal específica, é uma arte aperfeiçoada em nosso tempo e que requer um processo de aprendizado. Como nas técnicas corporais propostas por Mauss, as técnicas de uso de enteógenos requer um processo de aprendizado com o corpo, a melhor forma de se usar a SPA é estruturada depois de ampla pesquisa em grupo.

O fenômeno do uso contemporâneo de plantas de poder deve ser analisado através de uma perspectiva multifocal, como a proposta pelo mesmo pesquisador em sua noção de fato social total, pois estes acontecimentos mobilizam as esferas fisiológicas, sócio-antropológicas e psicológicas. Pensando dentro desta perspectiva o fenômeno do uso de substâncias não deve se limitar a esquemas analíticos que homogeneizam o sujeito transformando-o em um mero usuário de drogas. A substância psicoativa ocupa diferentes espaços na vida do sujeito e para que se possa ter uma compreensão global do fenômeno deve-se deixar de lado esquemas analíticos que tornam o uso de SPAs como uma patologia que deve ser tratada, nem todo uso de SPA causa necessariamente um quadro de dependência e quando existe este quadro a causa não está ligada apenas a substância, afinal a SPA não possui subjetividade e não opera de acordo com sistemas simbólicos de representação. Uma vez em contato com a SPA o sujeito elabora representações para significar o uso na sua vida, este uso vai mobilizar uma série de instâncias na vida do sujeito, por isso é necessário que o pesquisador esteja atento para os efeitos da SPA

no organismo do indivíduo (*drug*), o seu estoque de conhecimento individual (*set*) e o contexto sócio-cultural de uso (*setting*).

Cada sujeito dentro de sua biografia de vida elabora um conhecimento sobre a sua prática, como no caso estudado está prática tem um caráter de ilicitude, há a preocupação de restringir o acesso a esses conhecimentos. O que se observa é que este conhecimento busca administrar os possíveis efeitos indesejáveis da substância no corpo do sujeito, longe de ser um uso desmedido o que observo é a criação de regras internas para gerir o uso do enteógeno.

Na fala dos interlocutores de pesquisa, percebemos a formação deste conhecimento e a estruturação de uma prática:

“...formar um grupo que pesquise os enteógenos usando-os, somos psiconautas. Por exemplo, eu comprei na internet umas sementes de argyreia (lsa), plantei na minha casa. Eu utilizei uma serie de técnicas de plantio e quando eu pude colher as primeiras sementes, fiz uma experiência tomando 20 sementes de uma vez só. A experiência foi muito forte para mim, muito desconfortante então cheguei a conclusão de que umas 10 sementes devem ser o suficiente para uma boa trip. Então faço um diário de bordo, contando como foi toda a viagem, deste o plantio até o uso, indicando a melhor forma de obter a sementes (o site recomendado), a melhor forma de plantar e de usar. Assim trocamos o que vamos construindo, o saber que eu recebo através do contato com a planta deve ser compartilhada neste grupo.” JB

Os sujeitos da pesquisa começaram a desenvolver um conhecimento que tinha como objetivo também fugir a uma lógica de mercado. É importante ressaltar que muitas das pessoas entrevistadas compravam a substância através de sites na internet, porém este meio de obtenção da substância correspondia segundo eles a uma estrutura mercadológica, estrutura esta que “*não correspondem a uma cultura do enteógeno*” (AB, interlocutor). Desta forma, com o objetivo de formar uma estrutura de obtenção da SPA que corresponda a esta “cultura”, foi criado o que eles chamam de “*mercado livre de enteógenos*”, o mercado tem como objetivo intercambiar sementes entre os componentes da rede. Segundo os interlocutores de pesquisa as drogas sintéticas (se diferenciam das drogas enteógenicas por não possuir um caráter sagrado e por serem sintetizadas em laboratórios) o uso de drogas sintéticas seria uma construção da lógica capitalista e usar enteógenos é um meio de se contrapor a esta lógica na tentativa de estabelecer um estilo de vida específico e fugir aos

estilos de vida estabelecidos. Quanto a formação de um mercado livre de enteógenos eles colocam:

“O ideal é criar um tópico, agrupar as pessoas que de fato desejam participar do intercâmbio e fazer uma espécie de mercado livre de enteógenos:

- A pessoa escreve a lista de plantas que possui e quais deseja adquirir, em seguida, em caráter privado, as partes trocam as informações necessárias sobre o envio, endereço, etc e posta uma "qualificação do usuário" positiva ou negativa. Por exemplo: "No dia tal, o fulano me enviou 10 sementes de Datura Brugmansia. Enviou rapidamente, me tratou bem e as sementes chegaram no prazo combinado" etc.” (AB, interlocutor)

Nos discursos estudados há uma preocupação de não abrir o acesso a este grupo para qualquer pessoa, há uma série de restrições a entrada de pessoas que possam desestabilizar a coesão do grupo, pois há a preocupação com os controles sociais formais. Percebe-se a formação de controles sociais informais que são elaborados pelo grupo e vão estruturar a experiência de alteração de consciência, esses controles vão dizer qual a forma mais seguras de uso da substância (MacRae, 2000). No caso estudado, os controles sociais formais (o uso de drogas é uma ação criminalizada) impedem o maior desenvolvimento destes controles sociais informais (que possibilita o uso controlado da substância), pois há restrições para a divulgação deste conhecimento, visto que este é produto de uma prática ilícita.

Considerações Finais

Durante muito tempo na história do estudo do uso de drogas privilegiou-se perspectivas que patologizava o uso de drogas, tratando a questão apenas sob a esfera médica. Este estudo é uma tentativa de enfatizar os aspectos culturais que se formam a partir do uso da substância em determinado grupo, enfatizando os aspectos que surgem da experiência do uso da substância na trajetória de vida dos sujeitos de pesquisa. Observa-se então que a questão do uso de drogas no contexto estudado não se configura enquanto um “problema social”, o que problematiza este uso é o aparato dos controles sociais formais que criminalizam uma prática de aprendizado com o corpo. O usuário de drogas foi visto por toda uma literatura como um indivíduo que possui uma patologia, é preciso que pesquisadores que se proponham a estudar o fenômeno do uso de drogas tenham em vista o caráter multifocal da questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Bourdieu, Pierre. *Coisas Ditas*. Ed. Brasiliense, 1990, PP.9-10.

Becker, Howard. Consciência, Poder e Efeito da Droga. In: Uma Teoria da Ação Coletiva, RJ. Ed. Zahar, 1977

Goulart, Sandra e Labate, Beatriz. O Uso Ritual Das Plantas de Poder. Ed. Mercado das letras.

Jean-Paul C. Grund- Drug Use as a Social Ritual- Functionality, Symbolism and Determinants of Self-regulation ; Rotterdam, Institut voor Verslavingsonderzoek (IVO), Erasmus Universiteit Rotterdam, 1993

MacRae, Edward. Controles Sociais e Aspectos socio-culturais do uso de drogas. In: Dependência de Drogas, São Paulo, 2000. Pp.25-34

Magnani, Guilherme – *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. Ed. Nobel, 1999

VELHO, Gilberto. 1998. *Nobres e Anjos. Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora.

Zinberg, Normam M,D. *Drug, set and setting: the basis for controled intoxicant use*. New York, 1984, pp.1-18